

A SUBJETIVIDADE NO SERMÃO DA SEXAGÉSIMA

CARVALHO, Marcelle Ventura (Professora UEPB/CAMPUS III)

Nesse artigo pretende-se abordar as formas discursivas que Vieira utiliza como “sujeito” enunciativo do Sermão da Sexagésima. Conforme demonstra a Análise do Discurso, a noção de sujeito resultou em várias teorias e adeptos. Para Benveniste (In.: BRANDÃO, 1992, p.46), o sujeito do discurso é único, homogêneo, portando-se como verdadeiro imperador de sua fala, tendo por súdito o “tu”, o “outro”, aquele que está fadado apenas a ouvir e a acolher a mensagem do seu superior. Mas esse império do “eu” não durou para sempre, outras tendências não reconheceram sua soberania, democratizando o poder no ato discursivo. O sujeito deixa de ser homogêneo e se apresenta trifacial, passando a ser histórico, ideológico e social. O dizer do “eu” torna-se limitado pelo seu tempo, pelo seu mundo, pela relação que tem com o outro. Observe que o “tu” passa a ser tão importante quanto o “eu”, visto que o “tu” determina aquilo que o “eu” deve dizer, pois não se pode falar de qualquer modo para qualquer pessoa; logo, o texto é moldado não só pelas idéias do falante, mas pelo ambiente e pelo ouvinte, tendo estas participações diretas na elaboração do texto pelo locutor.

Dentre os defensores desta *heterogeneidade no discurso*, temos Authier-Revuz e Bakhtin, que verificam a língua como fenômeno social, câmbios verbais realizados na enunciação, essas trocas conferem aos indivíduos igualdade de importância no momento da fala.

Pergunta-se: que tipo de sujeito seria Vieira? Único, superior, fonte primeira do seu dizer? O púlpito, não apenas pela posição física (elevada), mas pela carga simbólica que representa, daria a Vieira certa independência discursiva? Ou ele seria um sujeito heterogêneo que rememora em suas palavras dizeres alheios e, paralelamente, adapta o seu dizer ao nível cognitivo do público?

Essas são as questões que se pretende responder ao longo deste artigo.

Vieira, sujeito único do Sermão da Sexagésima?

Pensar em autonomia e originalidade no século XVII é quase heresia. Esse momento exala e respira religiosidade, caracterizando uma atitude ideológica segundo a qual os acontecimentos históricos, os comportamentos humanos, o destino das nações, os dizeres dos cidadãos, tudo já havia sido traçado por Deus. A vida é a novela escrita por mãos divinas, cabendo ao tempo revelar os desígnios celestes e ao homem desempenhar o papel de personagem. Contemporâneo a esse período como poderia Vieira ser dono e fonte do seu discurso?

O Sermão da Sexagésima é o dos mais importantes e com certeza o mais conhecido dentre os sermões vieirianos. Trata-se de meta-sermão, em outras palavras, o sermão que ensina os ouvintes a pregar. Observe que até mesmo o fato de existirem regras de elaboração faz com que o dizer seja moldado, logo a “liberdade” e “originalidade” ficam comprometidas antes mesmo do sermão ser pronunciado. Qual a finalidade de todo e qualquer sermão independente de quem os pronuncia? Persuadir, adquirir a adesão do ouvinte para o assunto abordado. Se o sermão não persuade há, segundo perspectiva vieiriana, dois erros possíveis: de elaboração ou de fé (PÉCORRA, 1994, p.28), em outras palavras, ou as partes do discurso estão desarmônicas ou o pregador faz indevido uso da Escritura.

Semen est verbum Dei.

Vieira começa o Sermão da Sexagésima afirmando que “A semente é a palavra de Deus”. Perceba que o orador inicia o “seu” discurso com a voz do “outro”, isto é, com Lucas, capítulo 8, versículo 11. Ao resgatar o versículo, o orador teria dois objetivos: 1) Mostrar que a verdadeira semente, a que frutifica, é a semente divina. O leitor deve entender “semente” como “discurso, palavra” e “fruto” como “persuasão”, dessa forma o discurso que persuade é o que manifesta a palavra de Deus. O orador não deve inventar, criar, mas dizer o já dito por Deus e no sentido em que Ele o disse, essa é a principal regra da oratória religiosa. 2) Indicar que ao iniciar o “seu” discurso com a palavra de Deus, ele mesmo, Vieira, colherá frutos no final da pregação.

Para inserir a Palavra Divina, Vieira lança mão de dois recursos: o discurso direto e o discurso indireto. No discurso direto Vieira coloca-se “porta-voz” de Deus, recortando suas palavras e citando-as. Observe a passagem:

Quando Cristo mandou pregar os Apóstolos pelo mundo, disse-lhes dessa maneira: *euntes in mundum universum, praedicate omni creaturae.* (VIEIRA, 2000, p.30)

O discurso direto tem a capacidade de atualizar episódios, fazendo emergir da situação a personagem, tornando-a viva para o ouvinte, ganhando o discurso naturalidade e vivacidade. Veja que o orador abre o espaço não apenas para o dizer do outro, mas para a “voz” do outro. O uso de dois pontos indica que o texto terá nova voz presente.

Por outro lado, no discurso indireto, o orador comporta-se como tradutor, usa de suas palavras, dizendo à sua maneira a mensagem elaborada pelo outro. Por exemplo: “Diz Cristo, que saiu o Pregador Evangélico a semear a palavra divina. (Ibid., 2000, p.29)

Note que não é mais Cristo quem está falando, mas o próprio orador que fala por Ele. No lugar dos dois pontos, temos o pronome relativo “que” introduzindo a oração subordinada substantiva. O discurso indireto sempre transforma o dizer do outro em oração subordinada. Isto dá ao texto um tom mais informativo e grave, ao contrário do tom natural do discurso direto. Temperando o seu texto com as duas formas de discurso, o orador contrabalança a gravidade e a naturalidade, resultando em algo agradável de ser ouvido, e, principalmente, fazendo com que a “Fonte” do seu dizer, que neste momento é Deus, esteja sempre presente.

Além da Palavra de Deus, outro fator influencia na elaboração do texto: o ouvinte. Sem ouvinte não há sermão, visto não existir a quem persuadir. Vieira preocupa-se com a atenção dos ouvintes e, para conseguí-la, lança mão de recursos tais como: interjeições, vocativos, interrogações, perguntas diretas, como se estivesse em constante dialética com a platéia, tornando-a, constantemente, ativa. No Sermão da Sexagésima há três categorias de ouvintes: Deus, os Pregadores, e o Povo. É interessante observar que Vieira dirige-se de modo diferente a

cada interlocutor. Dirigindo-se a Deus, usa o vocativo. Dirigindo-se aos pregadores utiliza as interjeições. Dirigindo-se ao povo, faz interrogações. O recurso empregado é adequado ao caráter social e hierárquico dos destinatários, visto que com a gravidade e a erudição do vocativo o orador se refere a Deus; com a popularidade e espontaneidade das interrogações ele refere-se ao povo. A escolha desses recursos não partiu só de Vieira, mas da própria presença do “outro”.

Observe o que foi dito passagem:

Ah dia do Juízo! Ah Pregadores! (VIEIRA, 2000, p.29)

Não me queixo, nem o digo, Senhor, pelos semeadores; só pela seara o digo, só pela seara o sinto. (Ibid., 2000, p.31)

Agora torna a minha pergunta: E que faria neste caso, ou que devia fazer o semeador Evangélico, vendo tão mal logrados seus primeiros trabalhos? Deixaria a lavoura? Desistiria da sementeira? Ficar-se-ia no campo, só porque tinha lá ido? Parece que não. Mas se tornasse muito depressa à casa a buscar alguns instrumentos com que alimpar a terra das pedras e espinhos, seria isto desistir? Seria tornar atrás? Não por certo. (Ibid, p.31)

Geralmente as interrogações aparecem quando Vieira deseja explicar, ao povo, as passagens da Escritura. O jesuíta faz repetições de trechos e interrogações à semelhança do professor que deseja enraizar, na mente do aluno, o que está sendo apresentado. O fato de repetir as passagens mais significativas e transformá-las em perguntas convida o ouvinte a pensar, a tirar conclusões; obviamente o autor fará perguntas cujas respostas levarão a platéia a se converter e a aceitar a Palavra de Deus como verdadeira, resultando na persuasão e aprendizagem.

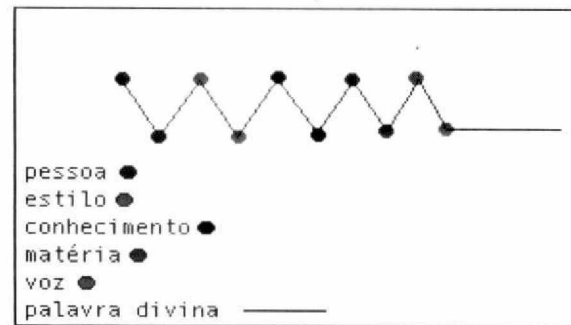
Dante Tringale (1988, p.31), no seu livro *Introdução à Retórica*, insiste em afirmar que o orador deve ter conhecimento do contexto sociológico e psicológico do auditório; logo, para encaminhar os homens a determinado objetivo “precisa sondar a alma humana dentro de todas as variáveis que costumam compor o auditório. Neste ponto dentro da Retórica começaram a nascer os primeiros estudos de psicologia das massas e multidões”. Os oradores do século XVII, e muito antes deles Aristóteles em sua *Arte Retórica*, já tinham consciência da influência

exercida por circunstâncias externas ao pensamento do orador na formação do discurso. Vieira diz o seguinte:

Para uma alma se converter por meio de um Sermão há de haver três concursos: há de concorrer o pregador com a doutrina, persuadindo; há de concorrer o ouvinte com o entendimento, percebendo; há de concorrer Deus com a Graça, alumando (2000, p.31).

Se algum desses “concursos” faltar, a mensagem ficará comprometida, logo todos são potencialmente importantes na elaboração do texto religioso.

Em todo o Sermão da Sexagésima, o pregador levanta hipóteses para o fracasso do sermão; essas hipóteses são, efetivamente, algumas leis da retórica cristã, às quais ele dará nome de “circunstância” de pessoa, estilo, conhecimento, matéria e voz. Analisando-as individualmente, Vieira prova, com exemplos, a importância dessas normas, colocando-as em evidência; mas, em seguida, retira-lhes toda e qualquer culpa, passando para a hipótese seguinte. Pode-se elaborar o quadro do discurso do jesuíta da seguinte maneira:



Observe que o gráfico lembra as batidas cardíacas em dois momentos: vida e morte. Enquanto o problema estiver nas circunstâncias não haverá falência da vida, pois a palavra de Deus supera qualquer desarmonia que possa existir no discurso. Mas, se não houver a Palavra

de Deus, o discurso falece, torna-se linear, não pulsa, não persuade, não frutifica. O locutor não pode se libertar da Palavra Divina e tornar-se senhor do seu dizer, pois, se assim o fizer erra e morre enquanto orador.

Dizei-me, pregadores (aqueles com quem eu falo indignos verdadeiramente de tão sagrado nome) dizei-me: esses assuntos inúteis que tantas vezes levantai, essa empresas ao vosso parecer agudas que prosseguis, achaste-las alguma vez nos Profetas do Testamento Velho, ou nos Apóstolos e Evangelistas do Testamento Novo, ou no Autor de ambos os testamentos, Cristo? É certo que não, porque desde a primeira palavra do Gênesis até à última do Apocalipse, não há tal coisa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não há o que dizeis e o que pregais, como cuidais que pregais a palavra de Deus? Nesses lugares, nesses Textos que alegais para prova do que dizeis, é esse o sentido em que Deus as disse? É esse o sentido em que os entendem os Padres da Igreja? É esse o sentido da mesma Gramática das palavras? Não, por certo; porque muitas vezes as tomais pelo que toam, e não pelo que significam, e talvez nem pelo que toam. Pois se não é esse o sentido das palavras de Deus, segue-se que não são palavras de Deus. E se não são palavras de Deus, que nos queixamos de que não façam fruto as pregações? Basta que havemos de trazer as palavras de Deus a que digam o que nós queremos, e havemos de querer dizer o que elas dizem! (VIEIRA, 2000, p.48)

O leitor pode estar se perguntando: Se todos os discursos teriam de pregar a Palavra Divina, então todos seriam iguais, não podendo distinguir o sermão de Vieira de outro orador de sua época? Ou seja, todo discurso seria exemplo de co-autoria, inviabilizando a referência “sujeito fundador”?

Segundo Pêcheux (In.: BRANDÃO, 1992 p.64), o que permite a identificação do sujeito é a “interpelação ideológica”. Qualquer discurso, por mais simples que seja, estará envolvido da ideologia dos que a pronunciam. Vieira não teria escritos os mesmos textos, com os exatos mesmos sentidos e palavras se não fosse ao mesmo tempo padre, jesuíta, católico, missionário e diplomata do século XVII (PÉCORA, 1994, p.63). Vieira usa a palavra divina? Usa. Mas em cada linha

observam-se as marcas vieirianas, que se comportam como impressões digitais, não podendo o Sermão da Sexagésima ser atribuído a nenhum outro autor contemporâneo a Vieira, pois só ele teria escrito esses textos, quer pela linguagem, pelo uso de alegorias recorrentes, pela ironia, pela ideologia. A voz divina pede licença em cada linha, mas o sermão não é de Deus, e sim de Vieira, pois foi o “autor” quem decidiu o momento em que Deus falaria e quem retirou o fragmento da Sagrada Escritura que Deus pronunciaria em discurso direto. Há duas vozes em evidência: a de Deus e a de Vieira. No entanto, ocorre o que Orlandi e Guimarães (In.: BRANDÃO, 1992, p.67) chamam de “monofonização da polifonia enunciativa”, que é “o apagamento de vozes que naturalmente intervêm no discurso pelo seu caráter social e histórico”. Ao terminar a leitura do sermão, ninguém lembra que Deus falou, mas ficam as palavras do orador. Pode-se comparar os sermões a castelos. Assim como os discursos são elaborados com as vozes dos outros, assim também os palácios são construídos com diversos materiais: cimento, pedra, mármore, areia, madeira; cada material provém de diferentes lugares, mas ao serem misturados resultam em algo único, não porém uniforme, e o que vemos não é mais o mármore, a areia ou o cimento, mas o castelo em si, e embora várias mãos tenham trabalhado na construção dessa arquitetura, apenas uma a assina – a do engenheiro, e no nosso caso a do autor.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, H. N. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1992.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Loyola, 2000.
- PÊCHEUX, M. *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997.

- PÉCORA, A. *Teatro do Sacramento*. São Paulo: Edusp, 1994.
- TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica: a retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas Cidades, 1988.
- VIEIRA, Antônio. *Sermões*. Organização, introdução e outros textos de Alcir Pécora. São Paulo: Hedra, 2000.